

Admirável Jogo Novo: o jogador de futebol em tempos de biopoder

Marina de Mattos Dantas – UERJ
marinamattos@gmail.com

1. Algumas considerações sobre o jogador-operário o operário-jogador brasileiro

[...] bastava o amadorismo puro, coisa para os bem de vida. Quem não estudasse, quem não trabalhasse, não podia jogar. Quem não explicasse, direitinho, como arranjava dinheiro para viver, não podia jogar. E mesmo explicando direitinho como arranjava dinheiro para viver, só podia jogar se tivesse um emprego decente. Empregados subalternos estavam riscados. (RODRIGUES FILHO, 2003, p.130)

Assim o jornalista Mário Rodrigues Filho descreveu, as condições para se ser jogador de futebol de um grande clube até o início dos anos de 1930, quando os conflitos pela profissionalização do jogador de futebol eram intensos.

Em Caldas (1994), pode-se ver que o futebol chegou ao Brasil em 1894 vindo de seu país originário, a Inglaterra, através de Charles W. Miller. Inicialmente era um esporte de elite, organizado pela classe dominante com regras racionais e impessoais, praticado por funcionários do alto escalão de empresas paulistas, e, posteriormente, por alunos de colégios nobres. Fala-se aqui de um futebol amador, livre de interesses econômicos diretos, porém marcado por interesses e relações de poder.

Em 1905, a fase amadora começa a ganhar forma e surge, na cidade do Rio de Janeiro, o *Bangu Athlétic Club*, em uma fábrica de tecidos situada no bairro de mesmo nome. Como o número de funcionários ocupantes de cargos altos era insuficiente para a formação das duas equipes necessárias para que o jogo aconteça, passou-se a aceitar a inclusão de operários no time. Estes, para poderem jogar, deveriam ser brancos, ter um bom desempenho profissional e comportamento pessoal, e quanto maior o tempo de serviço na empresa, melhor.

Gradualmente o futebol ganhou popularidade, e começou a servir de propaganda para as empresas. Com a finalidade de colocá-las em destaque, os grandes empresários passaram a ceder seu espaço no time para jogadores-operários mais habilidosos com a bola. Assim, o futebol vai-se transformando também em instrumento simultaneamente de diversão e disciplina. O jogador-operário passa a desempenhar trabalhos mais leves, sendo preservado para as partidas de futebol. São os jogadores-operários que, mais tarde, vieram a se tornar os operários-jogadores, profissionais do futebol.

Foi nos anos 20 que futebol amador brasileiro entrou em crise. Tal acontecimento tem início em 1923, com a entrada do Vasco da Gama, na primeira divisão do campeonato local do Rio de Janeiro. O time do Vasco era composto por jogadores negros e mestiços, e era visto pelos grandes clubes cariocas (Fluminense, Botafogo e Flamengo), formados por jogadores de classe burguesa e de alguns brancos da classe média, como uma ameaça à sua hegemonia. (LOPES, 1994).

Segundo Lopes (1994), um fator determinante para a profissionalização do futebol brasileiro foi a demanda de jogadores sul-americanos pela Europa. Principalmente pela Itália, governada na época por Benito Mussolini. Este prometera construir um estádio para o campeão italiano do ano de 1933, o que culminou na disputa

dos ricos clubes profissionais europeus pelos jogadores de ascendência italiana que viviam no Brasil. Com isso, e com o movimento de jogadores por direitos trabalhistas, os clubes brasileiros se viram pressionados a regulamentar a prática desse esporte como profissão, na tentativa de não perder seus homens tão facilmente para o futebol europeu, o que já vinha acontecendo na Argentina e no Uruguai.

Por volta de 1933, deu-se início ao futebol profissional, regulamentado pela legislação social e trabalhista do governo Vargas. É neste momento que acontece o que Rodrigues (2004) denomina “democratização do futebol”, o que é questionável perante a forte segregação socioeconômica e racial na época. A aceitação de jogadores operários e negros, apesar de acontecer, não era bem vista pelos jogadores oriundos da parcela de maior poder aquisitivo da sociedade.

Antes da profissionalização, os jogadores, quando recebiam para disputar jogos, era uma ajuda de custo para refeição e transporte após as partidas, além de alojamento no clube. Vez ou outra recebiam um “mimo” — como carros e outros artigos de luxo —, para compensar a falta de salário. Vale ressaltar que essa condição é bem semelhante a que se pode ver nas categorias de base dos clubes brasileiros na atualidade, onde os jovens têm uma rotina muito semelhante a da categoria profissional, mas, na prática, não são visto como profissionais, pois estão em formação, e os campeonatos das categorias de base não têm tanto destaque midiático e prestígio como no futebol adulto.

Pensando nos dias de hoje, presenciamos um cenário bem diferente daquele descrito por Mário Filho, em 1947. Os clubes atuais são empresas, e o jogador, um atleta profissional. Se antes corpos franzinos e extremamente habilidosos eram a maioria, hoje se produz o tipo físico ideal, cuidadosamente nutrido e exercitado para se extrair o máximo de sua eficiência (DAMATTA, 1994).

Na minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, proponho uma discussão acerca das novas práticas do futebol brasileiro e seus possíveis efeitos no futebol contemporâneo. Principalmente daquelas que dizem respeito à formação do atleta jogador de futebol da contemporaneidade e seus mecanismos de disciplinamento e regulação dos corpos. Para o trabalho que aqui se desenvolve, discutirei algumas conexões iniciais entre o poder disciplinar e o biopoder e a formação do atleta jogador de na atualidade.

2. Ciências do esporte, poder disciplinar, biopoder e a idéia de perfeição

A pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos num espaço abstrato, num tempo padronizado, segundo um andamento meticulosamente normatizado e configurados numa escala global. (SEVCENKO, 1994, p.32).

Sevcenko descreve bem o atual momento do futebol brasileiro que de sua época amadora à neoliberal, foi e continua sendo marcado por relações de poder. Para o autor, a intensificação do desenvolvimento industrial culminou na expansão das cidades que atraíam imigrantes em busca de novas oportunidades. Com o crescimento da população destas grandes cidades e a exigência das novas tecnologias de reações físicas e reflexos mais rápidos para se operar as máquinas, o esporte como atividade física e de controle

se populariza incentivada por autoridades, pois nada melhor que a própria população desenvolver condicionamento físico, disciplinar seus corpos para agüentar produzir cada vez mais. Hoje em dia, acontecem migrações nas quais o motivo principal é o próprio futebol. Desde jovens os jogadores buscam o clube que os acolherá melhor financeiramente e darão maior visibilidade no futebol nacional e internacional.

Pode-se entender que o futebol veicula discursos disciplinadores que promovem a manutenção do poder através do olhar, conforme a necessidade de quem o detém. Nesse sentido, ainda que em momentos e situações distintas e com nuances diferentes, é possível encontrar similaridades destes com os discursos dos acampamentos militares estudados por Foucault (2003). Atualmente, as práticas que compõem o esporte são muito similares também às que vemos em várias outras instituições na sociedade contemporânea, difusoras dos valores da subjetividade capitalística.

Caminhando nesse sentido, o futebol, em sua modalidade de alta performance, tem se desenvolvido como uma atividade econômica. Do final dos anos de 1980 até os dias atuais, em decorrência de sua comercialização cada vez mais explícita, as ciências do esporte vem sendo desenvolvidas e incorporadas à formação do jogador de futebol. Nos centros de treinamento (CTs) os especialistas — preparadores físicos, fisioterapeutas do esporte, fisiologistas do esporte, psicólogos do esporte, nutricionistas do esporte, dentre outros —, acompanham o desenvolvimento do corpo atleta, produzindo tanto efeitos disciplinares quanto regulamentadores, ou seja voltados tanto para o corpo individual de cada jogador, como para toda a população-time como um conjunto. É nos CTs que se desenvolve a formação, preparação, competitividade e comercialização dos atletas que nos dias de hoje circulam pelo mercado global. O jogador de futebol profissional é alvo de controle, disciplina e poder, não só dos clubes nos quais joga, mas também do olhar vigilante da torcida e da mídia. É basicamente neste contexto panóptico que se dá a formação do jogador de futebol contemporâneo.

Sobre a disciplina, Foucault (1999) expressa que são mecanismos e técnicas de poder que tiveram seu auge nos séculos XII e XIII. Centrados no corpo individual, objetivam o aumento de sua força utilitária através de exercício e treinamento, moldando-os de maneira a docilizá-los e torná-los úteis à manutenção dos modos de produção de subjetividade hegemônicos.

A disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. (Foucault, 1999, p.289)

Essas palavras de Foucault me remetem ao relato de um jovem jogador que entrevistei em minha pesquisa de conclusão de curso em Psicologia (Dantas, 2008), na qual busquei conhecer a instituição futebol através da experiências de jovens que tentaram inserir-se em categorias de base de clubes brasileiros:

Eu sempre fui meio gordinho, lá no clube, nossa senhora, era uma luta. Mediam percentual de gordura, aí dava dois acima, “desce pra correr”. Eu corria xingando. Não tinha vontade nenhuma, aí eu era mais agressivo. Aí qualquer coisa que eu comia a mais, toda semana tinha que tirar percentual. Na hora que tirou, está acima, tem que descer pra correr. Pode ser depois do almoço, eles vão deixar você descansar uma hora, e “desce para correr”. [...] Eles pensam que se você tem um desempenho bom e está acima do peso, se você estiver no peso vai ter um desempenho melhor. Para eles é sempre assim, eles acham que você só vai atingir seu melhor se estiver no peso e jogando o que eles querem. Se você estiver acima do peso e jogando o que eles querem, eles vão querer que você perca peso, não adianta, não tem

desculpa. [...] Tinha horário pra dormir, dez horas todo mundo tinha que entrar no quarto, e para acordar era sete e meia, não podia entrar sem camisa no alojamento, nem no refeitório, nem de camiseta podia, não podia boné, essas coisas. Tinha uma programação pra semana toda. Segunda e terça era só físico, no resto da semana trabalho com bola, força. (Cláudio, 16 anos, ex-jogador das categorias de base do Fluminense)

Cláudio¹, atualmente com dezessete anos, joga futebol desde os sete, e desde os doze faz testes para jogar em categorias de base de clubes brasileiros. Já passou por vários clubes do Rio de Janeiro e por alguns fora do país. Atualmente mora no Brasil e não joga profissionalmente. Em seu relato é possível perceber que o disciplinamento do corpo, bem como a lógica de uma racionalidade objetiva e instrumental, estão presentes nas práticas do cotidiano de treinamentos do atleta.

Assim, no meio esportivo, acredita-se que a manipulação do corpo atleta aprimorará a sua performance, e trará parâmetros para se construir sujeitos jogadores de futebol, se não perfeitos, próximos a uma idéia de perfeição que será alcançada através da objetivação e quantificação do mundo, e que será convertida em rendimento físico e monetário.

Através de práticas de disciplinamento, esses corpos atingem um desempenho fisiobiológico cada vez maior na prática esportiva. Ou seja, é o aprimoramento do indivíduo-produto jogador de futebol. Utilizo aqui o termo indivíduo-produto, pois essas pessoas parecem não serem vistas pelos clubes como sujeitos autônomos enquanto jogadores de futebol, mas sim como utensílios, objetos de um espetáculo.

Nelson Rodrigues (1994), em suas crônicas sobre o futebol, utiliza o termo “idiotas da objetividade”, para dizer dos que praticam essa tentativa de captura do futebol pela objetivação e massificação de suas práticas. O ex-jogador Tostão também se coloca contra esse modelo de jogador contemporâneo. Concordante ao pensamento de Nelson Rodrigues, Tostão frequentemente questiona tais práticas em suas colunas em jornais eletrônicos², e nos põe a pensar em outras instâncias e outros fatores e efeitos envolvidos na prática do futebol.

Sobre a objetivação excessiva do jogo, Tostão comenta:

Como se os atributos físicos superassem os efeitos das diversidades do mundo do futebol [...]. É a síndrome do ditador. Sempre que um time dirigido por um técnico educado e equilibrado perde, falam que faltou treinador disciplinador e que os jogadores não tiveram raça. Os méritos do adversário e a imprevisibilidade do futebol são esquecidos. (Tostão, 2007)

É como se o futebol fosse quase somente uma disputa programada de estratégias, de causas e efeitos, o que está longe de ser. O futebol, como a vida, tem muitas perguntas e poucas respostas. (Tostão, 2009)

Parece que, no futebol profissional, a tentativa de se alcançar o corpo e o rendimento idealizados como perfeição tornou-se mais importante que outros fatores como o próprio espetáculo e a criatividade dentro de campo.

Além de práticas disciplinares, as práticas de biopoder também estão presentes no futebol, na medida em que estas normatizam e massificam modos de vida. Disciplina e biopoder atuam em níveis diferentes, porém não excludentes, ao contrário, integram-se.

¹ Nome fictício.

² Disponível em: < <http://www.opovo.com.br/opovo/colunas/tostao/> >.

A disciplina se dirige ao “homem-corpo”, individual, e o biopoder ao ‘homem-vivo’ ou “homem-espécie”. (Foucault, 1999). O biopoder não é individualizante, mas sim massificante, se dirige a uma população. Como visto em Foucault (1999), a biopolítica possui funções diferentes do poder disciplinar e visa o controle de uma população em sua duração através de “previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais”. (Foucault, 1999, p.293). Através desses mecanismos de regulação busca-se estabelecer um padrão nos acontecimentos aleatórios nessa população, com o objetivo de otimizar a sua durabilidade e estabelecer um equilíbrio global.

No futebol, pesquisas são desenvolvidas por diversas áreas de conhecimento na tentativa de se estabelecer regras gerais de controle de fatores físico-biológicos, tais como peso, desenvolvimento de massa muscular, resistência cardiovascular, diminuição de ácido lático no sangue, dentre outros.

Como bem salienta Sant’Anna (2000), os corpos atletas não são somente o lugar de encontro de tecnologias, mas também e principalmente um lugar de experiências científicas diversas em seu cotidiano. Nessas práticas, a tentativa é a de massificar padrões de jogadores ideais para atuar em cada posição.

Sant’Anna (2000) diz que as tecnologias digitais aumentaram as possibilidades da análise fisiológica. Além de estarem nas roupas e acessórios esportivos, as tecnologias digitais permeiam a estrutura dos CTs permitindo a possibilidade da melhora da performance de cada jogador tanto possibilitando a filmagem de sua performance para ser vista de fora depois, como a investigação de funções orgânicas. “o esportista pode prolongar o seu corpo rumo a um corpo artificial o qual, progressivamente, lhe parecerá familiar e natural.” (SANT’ANNA, 2000, p.3)

Os profissionais que cuidam da preparação dos jogadores fogem o tempo todo do desconforto das incertezas e do acaso, como se isso fosse realmente possível. Arman-se contra esse desconforto racionalizando tudo o que for possível em suas práticas. Desse modo, a racionalidade objetiva torna-se o caminho privilegiado através do qual se alcançará tal perfeição.

Para Ulpiano (1989), a idéia de perfeição como algo completo e acabado é normativa. Segundo o autor a ciência se propõe a produzir objetos através de enunciados que sejam sempre verdadeiros e, para isso, esse objeto precisa não estar sob as condições do tempo, pois “o que está no tempo, está em passagem, em mutação [...] a idéia de perfeição não recobre aquilo que está no tempo” (ULPIANO, 1989, p.1). Assim, ao retirar o tempo das vivências as transformamos em supostas verdades universais aplicáveis a qualquer contexto.

3. Admirável jogo novo

Sevcenko (1994) e DaMatta (1994) concordam que por ser jogado com os pés, não tão hábeis na manipulação de objetos quanto as mãos, a prática do futebol conta com o acaso, com o senso de oportunidade, e com a prática coletiva que possibilita o deslocamento da bola até atingir a meta. Esses fatores produzem também um efeito coreográfico baseado no “uso malicioso dos movimentos do corpo” (SEVCENKO, 1994, p.36).

Segundo DaMatta, o corpo disciplinado, gerador de vitórias e lucro, também é o que produz “a mais profunda emoção estética” (DAMATTA, 1994, p.15). Afirmação da

qual discordo, pois o que emociona é justamente o que escapa a esta captura do corpo pela objetividade.

Sevcenko entende que essa “malícia” do jogador se sobressai à exigência da forma física, não sendo necessário um porte físico específico para ser jogador de futebol. Na atualidade isso já não se confirma, sendo clara a exigência de padrões específicos de corpo dito saudável desejado pela comissão técnica, a partir dos quais os jogadores do futebol profissional são “esculpidos”.

É verdade que a habilidade com a bola, a técnica, é a porta de entrada para um clube, porém, é o biológico que vai dizer quem é mais provável que alcance o padrão de rendimento idealizado. Indo mais afundo, é a análise microbiológica feita pelos departamentos de ciências do esporte que diz qual jogador vai ser colocado na partida e qual ficará no banco; quem será mais treinado e qual parte do corpo tem que ser mais exercitada. Assim, modelados numa espécie de higienismo esportivo que tenta eliminar as mutações e os imprevistos para se alcançar uma perfeição através de práticas de biopoder, os jogadores são divididos conforme sua condição física e utilidade.

No espetáculo produzido através dessas práticas, a “verdade do acontecimento” importa mais do que sua capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo. Câmeras de alcances cada vez mais incríveis remontam cenas em seus mínimos detalhes impossíveis de serem vistos ao natural.

Essa realidade do capturado acrescenta uma lentidão ao acontecimento que o torna um novo acontecimento. Este é visto como sendo *a* verdade, a única e possível verdade. Como se essa visão objetivada e instrumentalizada da realidade fosse a única real. O tempo passa de coadjuvante do futebol para o ator principal. Corre-se sempre contra os números e o tempo, atrás da perfeição.

O atleta torna-se um corpo vazio a ser preenchido pelos instrumentos, medições e expectativas “daqueles que entendem” o que se passa, ou seja, os especialistas. O atleta torna-se um mero produtor dos dados em manutenção constante visando a uma maior produtividade esportiva, tendo como justificativa para isso a produção do atleta ideal. Isso emite um efeito de bem estar que faz as pessoas acharem que estão agindo em torno de seu próprio bem quando na verdade estão se submetendo a interesses e técnicas que estão em constante produção e de uma forma cada vez mais acelerada, em busca da perfeição. Disciplina e biopoder se articulam em dispositivos em prol da manutenção da produção aos modos e efeitos capitalísticos.

A estatística é tratada como a essência da vida na medida em que ela que indica em qual direção está indo o aproveitamento do atleta e do grupo. Tudo precisa ser medido e quantificado para se ampliar o rendimento. Os gols, o espetáculo, a habilidade não bastam, assim como nada basta, nada é suficientemente bom, a perfeição é uma meta constante.

Os recordes marcam histórias. São os mil gols do Pelé ou do Romário, o número de jogos sem perder, e pontos na tabela que se tornam metas. Números e mais números, o espetáculo tem cada vez mais a função de produzir números. Melhorar os números do atleta (suas taxas biológicas) para cada vez se produzir mais números. Para o futebol, atividade econômica globalizada, não basta, viver, sentir, afetar-se, há de se expandir, os limites, os recordes, o corpo.

Como sustentar outras práticas que divirjam desses propósitos em uma instituição que valoriza muito a objetivação e rentabilidade econômica do futebol? É, sem dúvida, um desafio sustentar práticas da psicologia voltadas para a criação, e não para a adaptação, como é comum ver na prática da psicologia do esporte.

Mas, enquanto as forças da racionalidade objetiva vão em direção de se proteger da mutação, da imprevisibilidade e do acaso, normatizando e massificando modos de

vida, outras fazem o movimento contrário, surpreendendo e escapando a tal modelo como no drible inesperado e nas jogadas não programadas que criam outros efeitos.

Não se trata de dizer que não há linhas de fuga nas práticas atuais do futebol, mas de se levantar questões que estejam colaborando para o embotamento de potencialidades de autonomia e criatividade dentro e fora de campo. Um futebol mais condicionado à força física e aos movimentos mecânicos e do mercado globalizado do que disposto às inventividades do acaso.

4. Referências Bibliográficas

CALDAS, W. Aspectos Sociológicos do Futebol Brasileiro. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, 1994, p. 10-17.

DANTAS, Marina de Mattos. **Subjetividade, capitalismo e esporte**: vivências e discussões sobre tornar-se jogador de futebol. Monografia (conclusão do curso) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Psicologia, Belo Horizonte. 2008. 40f.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: Em **defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, p. 64-83, 1994.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 11, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 Mai 2007.

RODRIGUES, Nelson. À sombra dos criouloes em flor. In: **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. 343 p.

SANT'ANNA, D. B. . Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. *Motrivivência*, Santa Catarina, n. 15, p. 13-24, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.

TOSTÃO. Futebol é momento, que já passou. **O Povo**, Fortaleza, 09 mai. 2007, Coluna do Tostão. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/opovo/colunas/tostao/693532.html>>. Acesso em: 08 ago. 2009.

TOSTÃO. Os novos Pelés do futebol. **Gazeta do Povo**, 26 jul. 2009, Coluna do Tostão, Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=908833&tit=Os-novos-peles-do-futebol>>. Acesso em: 08 ago. 2009.

ULPIANO, Cláudio. A idéia de Perfeição. In: **Aulas Transcritas**. 1989. Disponível em: <http://www.claudioulpiano.org.br/aulas_191289.html>. Acesso em: ago 2008.